

*Virtutum donis, in claustro religionis,  
 Totum sancta chorum facit abbatissa decorum.  
 Sicut in aurora rutilat lux orta diei,  
 Sic super astra nitet haec sacra sponsa dñei<sup>1</sup>.  
 Iam capit haec cumulum coelestis amoris,  
 Quae bene virginei seruauit claustrum pudoris.  
 Huius, Christe, precet<sup>2</sup> pro nobis quaesumus audi,  
 Nosque tuae semper faciat intendere laudi.  
 Annos si iungas ter denis mille trecentis  
 Adiunctis octo, patet era tibi morientis;  
 Insuper accendas<sup>3</sup> quoniam lux ante kalendas,  
 Qua mortem subiit, quinta decembris erat.*

ANTONIO DE VASCONCELLOS.

## O castello de S. Miguel-o-Anjo

### Mais alguns achados

Em uma nota do artigo que, sobre o castello de S. Miguel-o-Anjo, de Azere (Arcos-de-Valdevez), foi publicado no *O Archeologo Português*, I, 161, referia eu a circumstancia de existirem ainda no alto d'esse castro as ruinas de uma capella, que fôra da invocação de S. Miguel.

A minha curiosidade, em um caso d'estes, sentiu-se estimulada pela miragem de importantes achados que a capella de um castro e com aquelle appellido, poderia muito bem reservar ao meu entusiasmo de incipiente pesquisador de antigualhas (Veja-se *Arch. Port.*, I, 43 e II, 137).

Mas por fim, se não foi absolutamente esteril o trabalho de remexer naquellas modestas ruinas, tambem é infelizmente certo que ellas não sepultavam o que eu sonhára por alli. Os que, ha dezenas de

<sup>1</sup> *Sic.* Deveria estar *Dei* (?).

<sup>2</sup> *Sic.* Creio que o esculptor, por erro, gravou P'CET em vez de P'CES (*preces*).

<sup>3</sup> *Sic.*

annos, desde a profanação da capella, liberrimamente saquearam as quatro pobres paredes, só delinquiram no pouco conceito em que tiveram algumas das pedras que, como todas as outras, apenas lhes serviriam afinal para os socalcos ensôssos dos seus campos. Se ainda a capella permanecesse em pé quando visitei o lugar, teria eu perpetrado de uma só vez a mesma demolição que os rudes lavradores; mas, com tal delicto, eu teria merecido um pouco mais á archeologia do que elles ao amparo e defesa das suas terras.

O que encontrei, que pouco é pois, vou dizê-lo rapidamente.

Em primeiro lugar, não pude, pelas pesquisas a que procedi, estabelecer relação alguma entre as ruínas sobreviventes da ermida christã e vestígios de algum anterior templo pagão, que coroasse o castro. Foi o principal desengano que soffri. Verificava-se apenas que, nos alicerces que ainda existiam das quatro paredes da capella, tinham entrado pedras pertencentes ás construcções castrejas. Para a criação ou reconstrucção da ermida christã haviam-se aproveitado, além de alguns materiaes de origem diversa e extranha, outros que foram entre-colhidos alli mesmo nas habitações que enchiam o antigo castro. Eram identicos aos que ainda hoje d'ellas se retiram, na fórma, nas dimensões, no apparelho e no genero do granito.

O n.º 5, por exemplo, da gravura que acompanha este artigo, reconhece-se ter sido um juntoiro pertencente a alguma d'essas archaicas habitações; é inconfundivel pela perfeição das arestas e da esquadria<sup>1</sup>.

Esses alicerces eram porém reconstrucção antiga dentro já da epoca christã, pois que por soleira da unica porta da ermida fui encontrar uma pedra que havia já servido de tranqueiro de anterior portada. Tinham-na voltado com a face para a terra; uma das arestas era oitavada. As ruínas já eram pois . . . . . ruínas de ruínas<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Como essas, appareceram algumas outras pedras, que provocavam aos jornalheiros esta exclamação: — *Que pedras tão lavradinhas!*

Realmente hoje não se dá apparelho a pedras de tão diminutas dimensões; o seu maior comprimento era de 0<sup>m</sup>,45. Na gravura não se vê bem nitidamente o n.º 5.

<sup>2</sup> Se houve ou não continuidade na successão dos cultos professados no alto do castro pela população autochtone e, havendo solução, qual o periodo que ella durou, são questões que me ficaram sem resposta no seio d'aquellas ruínas.

Na base do castro estendem-se umas magnificas terras aonde se formou uma parochia e erigiu a igreja de *Giella* (antig. *Guiella*). Num ponto d'essas terras ha um lugar denominado *Cêrca*, aonde apparecem vestígios identicos aos dos

Não encontrei nem me constou que tivesse alli sido encontrada inscripção alguma.

A pedra designada na gravura com o n.º 2 é, ao parecer, o fragmento do fuste de uma columna, de secção ellyptica. Foi encontrado no alicerce da capella e, embora não possa eu determinar a sua primitiva proveniencia, o que parece certo, á vista da natureza do seu granito e genero de lavor com que foi aparelhada, é que pertenceu a edificio coevo do castro.

Na espessura da parede appareciam tambem tijolos de rebordo em pedaços.

A ermida media, pelos alicerces,  $6,50 \times 4,50$ . A porta olhava ao Poente.

\*

Verificada a penuria archeologica dos restos da capellinha de S. Miguel, passei a sondar o monte em outros pontos. Muitos entulhos das primitivas habitações castrejas, mas raros vestigios de troços de paredes circulares. Tudo destruido.

Objectos dignos de menção os seguintes:

— Dois pequenos bronzes em pessimo estado, dos quaes um apenas poude ser reconhecido pelo meu amigo Leite de Vasconcellos como um antoniniano do seculo III<sup>1</sup>;

castros romanizados, como tijolos, alguns objectos de pedra que foram instrumentos de trabalho, fustes de columnas, etc. Tanto a consagração de uma ermida ao culto christão no alto do monte póde ter sido factu casual muito posterior ao abandono do castro e descimento da população, como necessidade ou conveniencia da christianização de algum uso cultural arreigado nas tradições do povo.

É curioso que ainda até ha poucos annos a Camara Municipal dos Arcos ia annualmente em festiva cavallhada á igreja de *Azere*, aonde hoje se encontra a imagem que foi da capella do castro situado nos limites d'esta parochia.

A posteridade quero deixar aqui uma generosa prevenção. Ha nas proximidades da villa um alto (415 metros) a que chamam o *Castello de Rio Frio*, aonde foi outr'ora um castro. Alguns bons rapazes lembraram-se este verão (1898) de erguer lá uma ermida, para attrahir forasteiros, e dar-lhe a invocação de *Senhora do Castello*. O estio tem corrido sêcco para mal da agricultura; pois a *Senhora* já deu chuva quando lhe fizeram a primeira prociissão. Está consagrada!

Vão lá agora os vindouros archeologos entroncar o culto da *Senhora do Castello* na longinqua raiz pre-romana do pristino culto. . . .

<sup>1</sup> Nas primeiras explorações d'este castro, as moedas encontradas pertenciam a imperadores do seculo I (Veja-se *Arch. Port.*, I, 169).

— Dois pedaços informes de bronze, muito oxidado e alterado, que parecem ser escorias de fundição ou talvez resto de objectos destruidos nalgum incendio<sup>1</sup>;

— Um fragmento duvidoso de *clavus*, de ferro;

— Um pedaço de tijolo com a estampa das patas de um quadrupede, talvez da especie suina;

— O curioso bordo de um vaso de folha, talvez de cobre. Esse bordo era encanudado, isto é, a sua aresta desenvolvia-se numa linha sinuosa, em  $\infty$  contiguos e deitados ao redor do vaso;

— A pedra n.º 3 da gravura, nas ruínas de uma habitação circular. É uma pequena pedra tosca, de mais de palmo, com uma face mal aparelhada e sensivelmente plana, tendo ao centro uma fossazinha ou pequena excavação. Na Citania ou em Sabroso appareceram d'estas pedras, collocadas ao centro das casotas redondas. Pareciam ter servido nas habitações de *sapata* a algum poste central (Cfr. Cartailhac, *Les âges préhistoriques*, p. 275);

— O n.º 7 da gravura é uma pedra cujo destino não posso conjecturar. É um fragmento como que de pequena mó<sup>2</sup>; nunca porem o de vera ter sido, porque a pedra é muito molle, desaggregavel e grosseira. A face visivel na gravura é concava no sentido de vertice inferior á esquerda, não lisa mas cortada de grosseiros sulcos, mal definidos, convergindo com pouca regularidade.

<sup>1</sup> Em determinadas circumstancias, achados d'esta ordem podem ser indicios de usos funerarios; nada porem, nas pesquisas que fiz, me auctorizaria tal interpretação por absoluta carencia de outros elementos concomitantes e necessarios. (Veja-se *Arch. Port.*, I, 328).

<sup>2</sup> Não desejo perder a occasião de me referir a uma verdadeira peça de mó que encontrei noutro castro do meu concelho, chamado o *Alto do Modorrão*. A figura aqui junta dá o córte d'essa *mola* pelo eixo do cylindro. É como se vê,



de faces symetricas, o que parece indicar aproveitamento alternativo das duas. Em cada vertice tem uma fossazinha indicada por pontos no desenho.

Seria assim na sua fôrma primitiva o objecto ou teria sido posteriormente damnificado? Terá tido o mesmo uso das pedras que em seguida descrevo? <sup>1</sup>

— As pedras n.ºs 1, 4 e 6, igualmente provenientes de entulhos superficiaes, as quaes parecem ter servido, á falta de melhor explicação, de polidores ou moedores fixos <sup>2</sup>. O n.º 1 é evidentemente um grande e duro seixo rolado, cuja fôrma e dureza se aproveitaram. Na face usada, estão essas pedras mais ou menos puídas e concavas,



Fig. 1

denotando o attento exame d'essa superficie terem ellas servido para desbaste de outro objecto num movimento continuado, de repetida vaivem. Os vestigios d'essa acção tem analogia com os que deixou na superficie das mós o movimento rotatorio de uma peça sobre a outra.

Para que serviriam afinal estas pedras? No jornal que se publicou no Porto, denominado *Renascença* (1879), escreveu o Sr. Martins Sarmiento um *Estudo acerca das excavações de Sabroso*, no qual, em nota (p. 120, nota 3) o eminente archeologo se refere a umas pedras encontradas em Sabroso, que parecem ser analogas a estas de Azere.

Que de encontro á superficie concava d'estas pedras era comprimido, em constante movimento de vaivem, outro corpo duro, talvez

<sup>1</sup> Do dolmen ou' orca dos Amiaes (*Arch. Port.*, III, 111, n.º 77) recolheu o Sr. Leite de Vasconcellos uma pedra semelhante á de Azere e da mesma natureza desagregavel, pois que a vi no Museu Ethnologico. Na orca dos Juncaes (*ibid.*, p. 110) outra da mesma natureza, fôrma e dimensões.

<sup>2</sup> Devo observar que no castro da Azere nunca encontrei camadas de entulhos que pudessem ter interpretação chronologica como em Sabroso (Veja-se o jornal *Renascença*, Porto, 1879, p. 120; artigo do Sr. Martins Sarmiento).

pedra, e porventura bronze<sup>1</sup>, parece evidenciar-se dos vestígios que esse trabalho deixou na superfície do granito<sup>2</sup>. Se entre esses dois corpos duros era ou não trabalhado qualquer producto agrícola, como grãos, é o que não ousou asseverar, mas não rejeito em absoluto.

— O n.º 8 da gravura é um fragmento de pedra analoga ás descriptas antecedentemente, mas de superfície convexa e não concava. É este fragmento que me faz suppôr que estas pedras serviriam tambem para triturar um producto qualquer. Quem sabe mesmo se alguma materia córante?<sup>3</sup>

— Varios fragmentos de seixos rolados tendo tido um uso indeterminavel<sup>4</sup>.

— Alem d'estas pedras, recolhi tambem um caco, em que a ornamentação me parece ter notavel feição primitiva.

<sup>1</sup> Não poderiam ser verdadeiras pedras de *amoliar*? Ou o fio dos grossos instrumentos de bronze só seria obtido pela martelagem?

<sup>2</sup> No Museu Ethnologico Português, percorrendo-se os achados trazidos pelo Sr. Leite de Vasconcellos das suas explorações na Beira em 1896, encontram-se pedras analogas achadas em orcas beiroas e a que o redactor d'esta revista consigna identico uso. São as referidas no *Arch. Port.*, III, pp. 109, 110, 111 e 125 com os n.ºs 68, 70, 73, 74, 75 e 77.

Do *Castello de Pragança* (castro pre-romano) vieram para o mesmo Museu pedras iguaes.

<sup>3</sup> A proposito d'estes polidores (reputados taes até mais seguro esclarecimento do problema) occorre-me lembrar que, nas primeiras explorações que fiz neste mesmo castro, vieram-me umas pequenas pedras polidas de *gneiss*, de que dei o desenho de um fragmento em o n.º 7 da fig. 3 a p. 173 do *Arch. Port.*, I, e que me pareceram polidores ou afiadores, especialmente destinados a pequenos objectos de metal. Ainda então um homem meu conhecido me contou que assentava numa d'essas pedras, encontradas num castro, a sua navalha de barba.

<sup>4</sup> Nunca julguei estes seixos caracteristicos de nenhum periodo lithico. Mas é innegavel que a abundancia dos d'essa especie nos castros preromanos e romanizados denota principalmente a rusticidade e atraso dos seus povoadores. Creio estar, portanto, de accordo esta maneira de pensar aliás já expressa no *Arch. Port.*, I, pp. 172 e 175 com as judiciosas observações do consagrado archeologo, o Sr. Santos Rocha, no *Arch. Port.*, I, 264.

Em todo o caso, os objectos de pedra que Sabroso forneceu, tem, ao que parece, outro caracter. (Veja *Renasença*, 1879, p. 120).

Vem aqui a pélo estas palavras de *Evans* em *Les âges de la pierre*, a p. 12: «il est probable que, dans les parties les plus pauvres et les plus inaccessibles du pays, on continua a se servir de la pierre pour bien des usages ordinaires, longtemps après que le bronze et peut-être même le fer étaient devenus usuels dans les districts les plus riches et les plus civilisés». Insiste *Evans* nas mesmas ideias desde p. 138, e mais particuarmente a p. 146.

Propendo a crer que o vaso a que pertenceu o pequeno fragmento que possuo, foi feito á roda; pelo menos não vejo com sufficiente nitidez signaes que caracterizem um trabalho absolutamente primevo, sendo todavia de notar que, no resto do vaso que se perdeu, poderiam os vestigios do fabrico estar mais perceptíveis do que no caco que exhumei.

Em todo o caso o desenho tão característico, feito com pequena espatula ou estylete, leva-me a julgar o vaso que ornamentava como

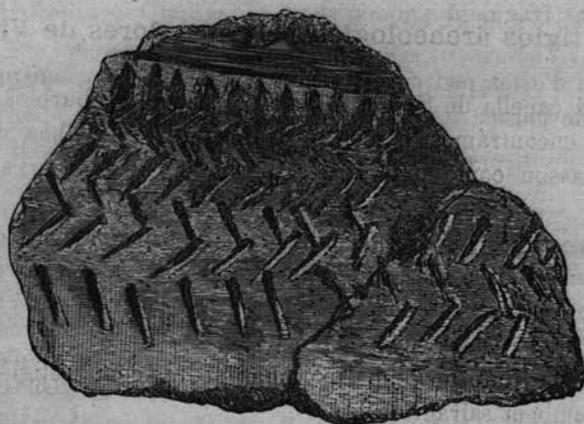


Fig. 2

producto da industria indigena pre-romana no seu caracter, embora co-romano na sua chronologia<sup>1</sup>. Representa-o na fig. 2.

Mais um objecto recolhido neste castro de que desejo dar noticia.

É um grosso annel ou argola de bronze muito oxidada. É de circuito fechado, medindo pelo diametro exterior 0<sup>m</sup>,036. A sua grossura não é bem uniforme, medindo desde 0<sup>m</sup>,003 a 0<sup>m</sup>,005.

<sup>1</sup> Cito em meu abono a auctorizada opinião do benemerito archeologo, Santos Rocha; veja-se *Arch. Port.*, I, 263 e II, 68.

Nesta mesma publicação e volume a p. 214 vem desenhado um caco neolithico, cuja ornamentação é muito semelhante á do de Azere, embora d'este crasto eu possua varios exemplares em que interveiu a roda e em que a ornamentação tambem não dista muito d'aquella a que me refiro. Procurarei dar em gravura, com mais nitidez, os principaes desenhos da cerâmica do castro de S. Miguel.

Aproveito a occasião para deixar aqui exarado o meu reconhecimento pelas generosas referencias que tão illustre archeologo como é o sr. Santos Rocha fez á minha modesta noticia sobre o referido castro, publicada no *Arch. Port.*, I, 161.

Ha no Museu Ethnologico argolas identicas provenientes de castros; Mertola tem lá um exemplar, e até o castello de Pragança deu uma d'essas pequenas argolas, que está no mesmo museu.

Para outro artigo deixo a descripção de uma *pia* aberta na rocha, dentro de limites d'este castro.

F. ALVES PEREIRA.

### Vestigios archeologicos dos arredores de Viseu

Junto á capella de S. Pedro da Esculca, nos suburbios da cidade de Viseu, encontrámos bastantes fragmentos de telhas de rebordo e tijolos, assim como um *pondus*, perfeitamente conservado, e com marca.

Estes vestigios apparecem num pinhal e em um terreno cultivado junto d'este. Informaram-nos que quando preparavam o terreno tinham encontrado mais alguns *pondera*, pedras com letras, e até uma *pia* de granito.

Nós vimos junto do pinhal algumas pedras com vestigios de trabalho, que tambem saíram de lá.

Dentro do recinto murado da Cava de Viriato deparou-se-nos um unico fragmento de telha de rebordo. Inscricções, informaram-nos que havia lá uma, mas, não obstante o havermo-la procurado, não a achámos.

Deram-nos noticia que ao nascente de Viseu, junto de Fragosella de Baixo, existiam num campo bastantes fragmentos de telhas e tijolos, e que lá tinha apparecido tambem uma inscripção. No local se costuma dizer o seguinte annexim, commum, *mutatis mutandis*, a outras terras da provincia da Beira:

Entre o Vérigo e o Rapadoiro,  
Ha uma grade e um cambão de oiro.

É digno de nota a designação que o povo d'esta região dá aos machados neolithicos, que guarda como amuletos. Ao passo que em outros lugares se lhes chama *pedras de raio*, *coriscos*, *perigos*, etc., aqui taes instrumentos tem o nome de *pedras de peçonha*, e quando cae algum raio diz-se que *caiu uma peçonha*.

Viseu, Junho de 1898.

A. MESQUITA DE FIGUEIREDO.